

**VIVÊNCIA, AFETOS E ESPAÇOS HABILITADORES ÀS INTERAÇÕES SOCIAIS:
ENSAIANDO ABORDAGEM À SAÚDE MENTAL E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY E GONZÁLEZ REY**

***EXPERIENCIA, AFECTOS Y ESPACIOS POSIBILITADORES DE INTERACCIONES
SOCIALES: ENSAYANDO UNA APROXIMACIÓN A LA SALUD MENTAL Y LA
EXTENSIÓN UNIVERSITARIA DESDE LA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY Y
GONZÁLEZ REY***

***EXPERIENCE, AFFECTS, AND ENABLING SPACES FOR SOCIAL INTERACTIONS:
ESSAY ON THE APPROACH TO MENTAL HEALTH ANDE UNIVERSITY
EXTENSION FROM THE PERSPECTIVE OF VYGOTSKY AND GONZÁLEZ REY***



Fabiana Pinto de Almeida BIZARRIA¹
e-mail: fabianabizarria@pucminas.br



Leonardo Victor de Sá PINHEIRO²
e-mail: leonardopinheiro@hotmail.com



Ana Cristine Mendes da SILVA³
e-mail: cristinemendes@ufpi.edu.br



Flávia Lorenne Sampaio BARBOSA⁴
e-mail: flsbarbosa@ufpi.edu.br

Como referenciar este artigo:

BIZARRIA, Fabiana Pinto de Almeida; PINHEIRO, Leonardo Victor de Sá; SILVA, Ana Cristine Mendes da; BARBOSA, Flávia Lorenne Sampaio. Vivências, afetos e espaços habilitadores às interações sociais: ensaiando abordagem à saúde mental e extensão universitária na perspectiva de Vygotsky e González Rey. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 10, n. 00, e025021, 2025. e-ISSN: 2177-5060. DOI: 10.29378/plurais.v10i00.21590



| **Submetido em:** 06/09/2024

| **Revisões requeridas em:** 05/06/2025

| **Aprovado em:** 07/08/2025

| **Publicado em:** 17/12/2025

Editoras: Profa. Dra. Célia Tanajura Machado
Profa. Dra. Kathia Marise Borges Sales

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – (PUC/MG), Belo Horizonte – Minas Gerais (MG) – Brasil. Professora da Faculdade de Psicologia da PUC-Minas; do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública na Universidade Federal do Piauí.

² Universidade Federal do Piauí, Campus Amílcar Ferreira Sobral (UFPI), Floriano – Piauí (PI) – Brasil. Professor efetivo do Curso de Administração da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e dos Mestrados Profissionais em Administração Pública (PROFIAP/UFPI) e Gestão Pública (PPGP).

³ Universidade Federal do Piauí, Campus Amílcar Ferreira Sobral (UFPI), Floriano – Piauí (PI) – Brasil. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pelo CNPq/UFPI. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Psicossociologia, Trabalho e Estudos Socioambientais (NUPYTES).

⁴ Universidade Federal do Piauí, Campus Amílcar Ferreira Sobral (UFPI), Floriano – Piauí (PI) – Brasil. Docente efetiva do Curso de Tecnólogo em Gestão de Dados Modalidade a Distância da UFPI, Centro de Educação Aberta e a Distância - CEAD; docente do Programa de Pós-graduação em Gestão Pública e do Programa de Pós-graduação em Administração Pública (PROFIAP), ambos da UFPI.

Editor Adjunto Executivo: Profa. Dra. Rosângela da Luz Matos
Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

RESUMO: A pesquisa visa definir, em forma de ensaio teórico, uma abordagem à saúde mental de universitários, integrando a extensão universitária como componente complementar no desenvolvimento psicoemocional dos estudantes. No caminho da produção de saúde, afirmam-se espaços habilitadores para as vivências e interações que potencializem vínculos, senso de pertencimento e protagonismo, experiências no contexto universitário, avigorando a função da linguagem e das emoções quanto ao “contexto social da psique”. Para isso, 28 artigos sobre “vivência acadêmica”, “vínculo acadêmico” e “experiência acadêmica” foram analisados, somando-se contribuições de Vygotsky e González Rey. Depreende-se que espaços habilitadores favoreçam, afetivamente, significados e sentidos que contribuem para a saúde. Portanto, a dinâmica institucional poderia centrar esforços em oferecer oportunidades às experiências favoráveis, às vivências afetivas, interações, validação e afirmação das diferentes maneiras de ser e agir dos universitários, resultando em um contexto universitário inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: Multidimensional. Adoecimento. Transtorno Mental. Tecnología. Simbólico.

RESUMEN: La investigación pretende definir, en forma de ensayo teórico, un abordaje de la salud mental de los estudiantes universitarios, integrando la extensión universitaria como componente complementario en el desarrollo psicoemocional de los estudiantes. En el camino de la producción de salud, se afirman espacios posibilitadores de vivencias e interacciones, potenciando vínculos, sentido de pertenencia y protagonismo, experiencias en el contexto universitario, potenciando la función del lenguaje y las emociones en función del ‘contexto social del psiquismo’. Para ello, se analizaron 28 artículos sobre ‘experiencia académica’, ‘vínculo académico’ y ‘vivencia académica’, añadiendo aportaciones de Vygotsky y González Rey. Al parecer, los espacios propicios favorecen significados y sentidos afectivos que contribuyen a la salud. Por lo tanto, las dinámicas institucionales podrían centrar sus esfuerzos en ofrecer oportunidades de experiencias favorables a vivencias afectivas, interacciones, validación y afirmación de las diferentes formas de ser y actuar de los universitarios, dando como resultado un contexto universitario inclusivo.

PALABRAS CLAVE: Multidimensional. Enfermedad. Trastorno mental. Tecnología. Simbólico.

ABSTRACT: The research aims to define, in the form of a theoretical essay, an approach to the mental health of university students, integrating university extension as a complementary component in the psycho-emotional development of students. Along the path to health creation, it establishes spaces that enable experiences, interactions, that enhance connections, sense of belonging, and protagonism, experiences in the university context, strengthening the role of language and emotions in the ‘social context of the psyche’. For this, 28 articles on ‘academic experience’, ‘academic bond’, and ‘academic experience’ were analyzed, along with contributions from Vygotsky and González Rey. It is understood that enabling spaces affectionately foster meanings and senses that contribute to health. Therefore, institutional dynamics could focus efforts on offering opportunities for experiences, favorable to affective experiences, interactions, validation, and affirmation of the different ways of being and acting of university students, resulting in an inclusive university context.

KEYWORDS: Multidimensional. Sickness. Mental Disorder. Technology. Symbolic.

Introdução

O desenvolvimento de um país está diretamente ligado à qualidade do ensino e à sua capacidade de formar profissionais aptos a enfrentar demandas sociais e tecnológicas que transformam os processos de ensino-aprendizagem (Cechinel; Santos, 2020; Haugsbakk, 2020). Além disso, o mercado requer competências, como comunicação, trabalho em equipe, liderança e pensamento criativo: as chamadas soft skills (Lok; Cheng; Choong, 2020).

No Brasil, políticas de expansão do acesso ao ensino superior elevaram não apenas o número, mas também a diversidade do corpo discente em termos de classe social, gênero e idade (Suehiro; Andrade, 2018; Aragão; Alfinito; Luís, 2018). Esse novo perfil traz metas e expectativas heterogêneas (Malequeta; Santos; Pery, 2017) e evidencia problemas já observados em universidades internacionais: altos índices de reprovação e evasão concentrados nos primeiros semestres (Cruz-Campos *et al.*, 2023).

Nesse cenário, a saúde mental dos estudantes universitários tornou-se questão central. Há “alta prevalência de sintomas de ansiedade e depressão nessa população, quando comparada à população geral” (Silva *et al.*, 2023, p. 104). Esses transtornos, segundo Awang e Noor (2023), contribuem para a evasão e geram custos sociais significativos para alunos, instituições e sociedade.

A Organização Mundial da Saúde (2022) estima que 14% dos adolescentes no mundo sofram de transtornos mentais. Nos Estados Unidos, um levantamento do Healthy Minds Network (2022–2023) com 76.406 universitários identificou prevalências de 41% para depressão, 36% para ansiedade e 14% para ideação suicida; a taxa de ansiedade quase dobrou em seis anos (de 17% para 31%). Estudos no Reino Unido, Holanda, França, Espanha, Austrália e países nórdicos indicam que até 73% dos estudantes enfrentam dificuldades para manter o bem-estar psicológico.

A Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior apontou que, no Brasil, 83,5% dos universitários referem dificuldades emocionais; 60% relatam sintomas de ansiedade, e a ideação suicida subiu de 6,1% para 8,5% (Andifes, 2019). Brito *et al.* (2021) acrescentam que autoagressão e suicídio já representam a terceira causa de morte entre adolescentes.

Esses indicadores ganham relevância quando se consideram as transições típicas da vida universitária, marcadas por mudanças que exigem adaptações rápidas e podem favorecer sofrimento psíquico e evasão (Malequeta; Santos; Pery, 2017). Durante esse período, jovens consolidam identidades e tomam decisões que geram novas prioridades, inseguranças e

possíveis frustrações, fatores capazes de comprometer o rendimento acadêmico (Lima *et al.*, 2023; Suehiro; Andrade, 2018). Grande parte dos estudos sobre saúde mental, entretanto, ancora-se em uma visão biomédica individualizante que pouco dialoga com a complexidade do bem-estar (Lima *et al.*, 2023).

Fragilidade dos laços familiares, desafios financeiros e a necessidade de conciliar estudo com trabalho podem levar ao esgotamento e prejudicar a aprendizagem (Lima *et al.*, 2023). Evidências mostram que retenção, sucesso acadêmico e satisfação estudantil dependem de fatores sociais, econômicos, culturais e institucionais (Nhantumbo; Carreño; Bruce-Nhantumbo, 2018; Suehiro; Andrade, 2018).

À luz da Responsabilidade Social Universitária (Chen; Nasongkhla; Donaldson, 2015), as Instituições de Ensino Superior são chamadas a investir na promoção da saúde mental estudantil. Pesquisas indicam que intervenções voltadas à gestão da vida acadêmica — organização dos estudos, lazer e relações interpessoais —, bem como programas de acolhimento socioemocional, autoconhecimento, autoestima e manejo de estresse, favorecem a experiência universitária saudável (Ariño; Bardagi, 2018; Silva *et al.*, 2023).

Nesse caminho, as atividades de extensão universitária também desempenham um papel fundamental na construção de vínculos entre a sociedade e a comunidade acadêmica, além de promoverem relevantes experiências profissionais e universitárias (Oliveira *et al.*, 2019). Para Ribeiro, Ponte e Silva (2017), a extensão universitária é indispensável para o alicerce formativo tanto do estudante quanto do profissional, apesar das dificuldades em sua consolidação ao lado da pesquisa e do ensino. Assim, as IESs deveriam atuar em relação às novas demandas e à dinâmica emocional-afetiva ao se organizarem em relação às transições vivenciadas pelos universitários.

Este ensaio teórico apresenta uma abordagem de saúde mental universitária que incorpora a extensão como componente complementar do desenvolvimento psicoemocional dos estudantes. A promoção de saúde, nesse modelo, exige a criação de espaços habilitadores capazes de estimular vivências, interações, vínculos, senso de pertencimento e protagonismo no cotidiano acadêmico, reforçando o papel da linguagem e das emoções no chamado “contexto social da psique”. Tal perspectiva desloca o foco da ênfase no adoecimento para a produção de saúde, em consonância com Ariño e Bardagi (2018), Bandura (2005), Chariyeva *et al.* (2013) e Rodrigues *et al.* (2023).

A noção de espaços habilitadores dialoga com as contribuições de Lev S. Vygotsky e Fernando L. González Rey. Para esses autores, ambientes que favorecem encontros simbólicos

e ações de extensão entrelaçam linguagem, emoções, significados e sentidos na constituição da subjetividade. A vivência passa a ser entendida como unidade da situação social de desenvolvimento: a relação afetivo-cognitiva do indivíduo com o meio, indissociável das interações intersubjetivas que a sustentam (González Rey, 2000).

Metodologia

Este estudo adota a perspectiva metodológica do ensaio teórico, caracterizada pela análise crítica e argumentativa sobre o tema dos espaços habilitadores. A escrita se estrutura como um processo reflexivo e experimental, sustentado por revisão da literatura e pela postura ensaísta que, conforme Larrosa (2004), se constrói como um pensamento em movimento, que não busca verdades absolutas, mas, sim, explorar sentidos de forma aberta e crítica.

Segundo Adorno (2003), o ensaio não se submete às convenções rígidas da ciência, pois seu propósito é examinar ideias com liberdade, articulando leituras e argumentos em torno de uma temática específica. A partir dessa concepção, Botton (2011) destaca que o ensaio opera simultaneamente dentro e fora do pensamento conceitual: ainda que vinculado à reflexão teórica, ele rompe com a lógica sistemática da ciência ao preservar a tensão entre conceito e objeto — uma tensão que tanto o dogma quanto o método científico tendem a suprimir.

Além disso, Botton (2011) entende que o ensaio valoriza a experiência como parte indissociável do processo de compreensão, e não apenas como meio de análise. Essa abordagem se concretiza em um texto deliberadamente inacabado, que opera como exercício de reflexão, explorando abordagens alternativas a uma problemática específica.

Na área da saúde, estudos como os de Moreira (2019) e Roso e Romanini (2014) exemplificam o uso metodológico do ensaio como estratégia para construção argumentativa. Esses trabalhos assumem uma postura exploratória e adotam o mapeamento conceitual como ferramenta para refletir criticamente sobre os temas abordados, promovendo um diálogo aberto com outros pesquisadores.

Seguindo essa lógica, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o tema “saúde mental de universitários”, em 28 de novembro de 2023, por meio da Plataforma Periódicos CAPES, com acesso ampliado a todas as suas bases de dados, por meio de vínculo institucional com um Programa de Pós-Graduação. A seleção dos estudos considerou conceitos recorrentes na literatura, como vínculos, vivência e satisfação com a experiência acadêmica. A noção de

autoeficácia emergiu de forma transversal às discussões, o que motivou a ampliação das leituras em torno desse conceito.

A busca bibliográfica foi realizada com base no descritor “vínculo acadêmico”, abrangendo todas as categorias de documentos, idiomas e períodos disponíveis na Plataforma Periódicos CAPES. A seleção foi delimitada ao intervalo de 2018 a 2023, com filtro para artigos revisados por pares. A partir desses critérios, identificaram-se 12 estudos, dos quais 2 foram excluídos por duplicidade, resultando em 10 artigos selecionados. Aplicando os mesmos critérios ao descritor “vivência acadêmica”, localizaram-se 13 artigos, sendo 2 eliminados por duplicidade, totalizando 11 estudos. Na sequência, utilizou-se a combinação dos termos “experiência acadêmica” e “satisfação” com o operador booleano AND, o que gerou 18 resultados; 11 foram descartados por duplicidade, restando 7 artigos⁵.

Considerando as intersecções temáticas com a saúde mental de universitários, conforme argumentado ao longo do ensaio, o conjunto final incluiu 28 artigos selecionados para leitura e análise. A escrita do ensaio foi orientada por uma articulação entre as concepções discutidas nesses estudos, buscando uma apresentação coerente e compreensível, conforme proposto por Botton (2011), na abordagem ensaística, e por Torracco (2016), na perspectiva da revisão integrativa. A estrutura do estudo segue três movimentos principais: inicia com uma visão geral e integrativa dos textos analisados; incorpora, em seguida, os aportes teóricos de Vygotsky e González Rey; e, por fim, apresenta sugestões de contribuições práticas relacionadas à temática.

Vínculos, vivência, e satisfação com a experiência acadêmica – Visão Integrativa

Para início da integração dos textos, parte-se da mudança de ênfase da doença à saúde, como sugerem Bandura (2005), Gueroni *et al.* (2024), Rodrigues *et al.*, (2023) e Lima *et al.* (2023), no sentido de contribuir com enfoques menos fragmentados, individualizantes e patologizantes, desarticulados institucionalmente. Assim, contribuições das pesquisas relacionadas à saúde mental de universitários evidenciam a relevância das vivências, dos

⁵ Os estudos selecionados são: Santos, Zanon e Ilha (2019), Pereira-Neto, Faria e Almeida (2022), Albuquerque *et al.* (2019), Campira, Bulaque e Almeida (2021), Aragão, Alfinito e Correia (2018), Oliveira *et al.* (2020), Suehiro e Andrade (2018), Alonso, Alonso e Fernández (2020), Campesino (2023), Valdivia (2019), Guanin-Fajardo e Barranquero (2022), Taschetto e Rosa (2019), Trejo *et al.* (2019), Fleisner *et al.* (2023), Roque *et al.* (2018), Mérida-López, Quintana-Orts e Extremera (2022), Peris Blat (2019), Garcia e Pan (2023), Rodrigues *et al.* (2023), Nascimento e Ferraz (2021), Cechinel e Santos (2020), Medeiros e Gonçalves (2018), Santos *et al.* (2018), Siqueira *et al.* (2020), Arakawa-Belaunde *et al.* (2018), Fadel *et al.* (2018), Guzmán-Utreras, Baeza-Ugarte e Morales-Navarro (2023), Nina e Cruz de Oliveira (2019).

vínculos e da satisfação com as experiências, incluindo o senso de autoeficácia, bem como a abordagem interdisciplinar e as intervenções intersetoriais relacionadas à produção cotidiana de vida-saúde, reconhecendo a primazia da promoção de saúde.

Vivências, vínculos e satisfação com as experiências, ao relacionarem-se com as dimensões intelectual, afetiva e social (Coulon, 2017; Garcia; Pan, 2023), apresentam leituras sobre aspectos “pessoais-individuais”, no sentido da percepção do bem-estar físico e psicológico, associado ao equilíbrio e à estabilidade afetiva, bem como ao otimismo no âmbito da tomada de decisões e, ainda, à autoconfiança, representando fatores decisivos para a permanência no ensino superior. Soares *et al.* (2018) reforçam, ainda, que as expectativas em relação à universidade podem elevar o nível de satisfação, contribuindo com o vínculo acadêmico e com o curso. Assim, cabe ressaltar que as atividades de extensão, por exemplo, também elevam o nível das experiências universitárias, pois contribuem para o desenvolvimento tanto do conhecimento profissional quanto pessoal do estudante (Síveres, 2012).

A vivência acadêmica, nesse contexto, emerge como fundamental e central aos vínculos e à satisfação com as experiências. O detalhamento de Garcia e Pan (2023) informa que a dimensão “interpessoal”, associada à autopercepção de competência para estabelecer e manter relações sociais, mobiliza o aluno a buscar ajuda. Ainda, a dimensão “vocacional/carreira” confere sentido aos sentimentos relativos ao desenvolvimento profissional/formativo, contribuindo com o “sentir-se” competente e satisfeito em relação ao curso; e, ainda, a dimensão “estudo” envolve o cotidiano acadêmico, em função das demandas relacionadas às atividades, o que implica, por exemplo, gerenciamento do tempo, estabelecimento de rotinas e planejamento de estudos.

Com inspiração nas contribuições de Santos, Zanon e Ilha (2019), compreende-se que a vivência acadêmica incorpora práticas sociais cotidianas, em que os estudantes, em interação, organizam-se em relação aos sentimentos e aos significados, atribuindo sentidos às experiências. Nesse contexto, Oliveira *et al.* (2019) argumentam que a extensão universitária expande os limites das experiências acadêmicas, pois essas atividades enriquecem a formação dos estudantes ao alinharem-se com as necessidades reais dos futuros profissionais, promovendo o desenvolvimento de habilidades e competências.

Deriva-se, portanto, que a qualidade dessas vivências situa o desenvolvimento não apenas das apreciações que os universitários fazem, resultando na satisfação, mas, principalmente, na ideia de autoeficácia, quando suas formas de ser e agir são validadas nos

processos interativos, ante as vivências acadêmicas, caracterizando um contexto social e cultural inclusivo e favorável à cooperação e à diversidade. Nesse caminho, permanência, adaptação e inclusão relacionam-se com vivências menos estressantes e menos ansiogênicas, como enfatizam Guzmán-Utreras, Baeza-Ugarte e Morales-Navarro (2023).

Santos, Zanon e Ilha (2019, p. 4) discorrem, como desdobramento da autoeficácia — conceito baseado na teoria sociocognitiva de Bandura (2005) —, que comportamentos como solidariedade e cooperação entre colegas, construção de amizades para compartilhar dificuldades, empréstimo de materiais e realização de atividades em grupo — como estudos e apresentações — são considerados fundamentais para promover a satisfação acadêmica.

Nesse contexto, as crenças de autoeficácia relacionadas à ação envolvem a disposição para agir diante dos desafios, quando o universitário se percebe capaz de executá-los. Por sua vez, desenvolver e manter interações sociais, segundo Santos, Zanon e Ilha (2019), são as crenças de autoeficácia que mais contribuem para a satisfação com as experiências acadêmicas. Para Chariyeva *et al.* (2013), a autoeficácia representa um fator de proteção que contribui para a saúde e para o bem-estar dos estudantes, enfatizando sua relevância na realização de metas pessoais e acadêmicas.

Desse modo, a valorização das relações entre pares, a interação com os estudantes e a construção de redes de colaboração são aspectos que podem contribuir para o bem-estar emocional, para a construção de um ambiente acolhedor e para a saúde mental no ambiente universitário (Campesino, 2023; Valdivia, 2019), colaborando para um sentido ampliado de pertencimento e identidade acadêmica, elementos cruciais para o fortalecimento do vínculo acadêmico (Campesino, 2023; Dogan, 2015; Valdivia, 2019). Para tanto, “os espaços-tempos formativos devem ser compreendidos de maneira complexa, em que saberes plurais e heterogêneos se entrelaçam, dialogam em meio a tensões, negociações de sentidos e produção de significados” (Ribeiro; Pontes; Silva, 2017, p. 63).

No entanto, mesmo que a construção do vínculo comece a ser formada antes mesmo da entrada na universidade, quando a base cognitiva e as competências desenvolvidas atuam como pilares para a adaptação e para o desempenho acadêmico subsequente (Alonso; Alonso; Fernández, 2020), estudos sobre os vínculos acadêmicos, como os de Alves e Honório (2013), Kramer (2003), Kramer e Faria (2007) e Ariño e Bardagi (2018), reforçam que o estabelecimento de vínculos estaria influenciado pela capacidade de socialização dos alunos, sob a forma de redes de apoio, contribuindo para a resolução dos desafios acadêmicos.

Práticas sociais institucionais, centradas na relevância das interações sociais para a saúde mental universitária, podem ser derivadas de estudos sobre “vivências acadêmicas”, como Almeida e Ferreira (1997), Almeida, Ferreira e Soares (1999), Almeida, Soares e Ferreira (2003) e Granado *et al.* (2005). Com suporte nessas pesquisas, compreende-se a importância de garantir bem-estar físico e psicológico, equilíbrio emocional, estabilidade afetiva, otimismo e autoconfiança, mobilizados pelas relações com colegas que, quando cooperativas e inclusivas, levam à autopercepção de habilidades sociais na formação de vínculos e na procura de ajuda em relação aos estudos, ao tempo e à utilização dos recursos institucionais disponíveis. Também se destaca a oferta aos universitários de conhecimentos e suportes relacionados ao curso e à carreira, de modo a contribuir com os projetos de futuro em torno da profissão escolhida.

Nesse contexto, as atividades de vivências por meio da extensão desempenham um papel essencial ao possibilitar um movimento formador, impulsionando diálogos com saberes plurais, baseados nas experiências e reflexões vivenciadas em diversos ambientes socioculturais, gerando, assim, sentidos variados e plurais (Ribeiro; Pontes; Silva, 2017).

Assim, a satisfação com as experiências acadêmicas, que reflete a apreciação dos estudantes em relação às experiências educacionais, conforme Schleich, Polydoro e Santos (2006) e Soares, Vasconcelos e Almeida (2002), estaria no rol da qualidade das interações que levam os universitários a avaliarem positivamente as experiências formativas, a qualidade do ensino, os relacionamentos com professores e colegas, o currículo, a administração, os recursos pedagógicos e as instalações (Fadel *et al.*, 2018). Essa percepção emerge como fundamental para o engajamento do estudante em seu percurso educacional, como sinalizam Aragão, Alfinito e Luís (2018), Oliveira *et al.* (2020) e Santos, Severo e Correia (2022).

No que diz respeito ao compromisso das IESs com o tema, Oliveira *et al.* (2020, p. 10) reconhecem que as universidades “necessitam desenvolver ações que permitam maior sentimento de pertencimento do acadêmico em relação às suas escolhas, visando alcançar maiores níveis de satisfação”. Além disso, a satisfação do estudante estaria relacionada à reputação, à imagem e à credibilidade da instituição, fatores que cultivam confiança nos aspectos estruturais, administrativos e pedagógicos da educação superior, destacando a importância do apoio prático, acadêmico e pessoal para uma conexão efetiva do aluno com a instituição (Santos; Romeiro, 2017; Ngueyn; Leblanc, 2001; Pereira; Gil, 2007; Tontini; Walter, 2011; Zevallos; Washbur, 2014). Nesse caminho, gerir os desafios típicos da vida universitária, segundo Ariño e Bardagi (2018), contribui para a saúde mental, suscitando

reflexões, como as de Gueroni *et al.* (2024), em relação à oferta de programas de promoção da saúde, incluindo o fortalecimento do senso de autoeficácia.

Para Mérida-López, Extremera e Quintana-Orts (2023), a diversidade de experiências que promovem a inclusão é fundamental para mitigar o esgotamento acadêmico e promover o sucesso dos estudantes e o fortalecimento de vínculos. Adicionalmente, as experiências dos estudantes, no ambiente acadêmico, podem contribuir para a participação e para a liderança, incentivando princípios democráticos de equidade e tomada de decisão compartilhada, elementos fundamentais para a construção da identidade do egresso com a instituição, conforme explicam Queiroz e Paula (2017) e Dollinger e Vanderlelie (2019).

Com inspiração na leitura de Nascimento e Ferraz (2021), argumenta-se, portanto, que as interações sociais são fundamentais à saúde mental universitária. Nesse caminho, busca-se a compreensão sobre a qualidade dessas interações, ao passo que a dinâmica social, cultural e econômica em curso desafia as relações sociais, especialmente no que tange à lógica individual-competitiva, que aciona hierarquias nas relações sociais de poder, contribuindo para espaços que classificam as pessoas e as excluem, conforme parâmetros da lógica dominante. Com isso, quando as interações sociais não habilitam uma dinâmica inclusiva e cooperativa, compreende-se que experiências acadêmicas de isolamento, desamparo e baixa autoestima em relação aos desafios acadêmicos, por exemplo, podem suscitar sofrimentos, ansiedade e depressão, decepção e frustração, levando ao abandono ou à evasão.

Portanto, Cechinel e Santos (2020) sugerem ser a “interação social” o aspecto mais relevante da vivência acadêmica. O acolhimento como vivência acadêmica, também em dinâmica de interação social e institucional, é abordado por Garcia e Pan (2023, p. 6), ao afirmarem que a “vivência acadêmica deve ser analisada em sua relação com a qualidade das práticas formativas e das políticas de assistência e acolhimento estudantil”. Cechinel e Santos (2020) ainda chamam atenção para a dimensão “tempo”, quando universitários buscam maximizar e acelerar as atividades inerentes à graduação.

Nesse aspecto, o acolhimento institucional precisaria oferecer oportunidades para a formação de vínculos favoráveis ao enfrentamento dos desafios da vida acadêmica, como citam Medeiros e Gonçalves (2018), mas com atenção fundamental ao empoderamento dos envolvidos, que, em dinâmica acelerada, supõe desafio adicional à qualidade das práticas formativas e às políticas de assistência ao universitário.

Vivência, afetos e espaços habilitadores às interações sociais: contribuições de Vygotsky e González Rey

Associada à discussão sobre o aumento do adoecimento por motivos de saúde mental do público universitário, conforme dados da OMS (2022) e da Andifes (2019), discute-se que a qualidade das interações representa fator primordial à saúde mental. Para o entendimento do que representa “qualidade”, contribuições de Vygotsky e González Rey são acionadas, no entendimento de que “vivência” representa unidade de situação social de desenvolvimento, quando emoções, significados e sentidos se entrelaçam na constituição da subjetividade. Nesse contexto, espaços habilitadores são construções psicossociais capazes de mobilizar interações sociais significativas e contribuir para o bem-estar emocional dos estudantes.

Nesse caminho, se o processo avaliativo for visto como pouco relevante para a ação social, pode gerar um conflito mais amplo na política de interação social. Entretanto, ao ouvir os protagonistas das ações extensionistas, o meio acadêmico não apenas se revê, mas também se amplia, incorporando as reflexões e perspectivas daqueles que estão fora da academia, superando, assim, os limites tradicionais (Ribeiro; Pontes; Silva, 2017). Os métodos avaliativos na extensão universitária devem, de acordo com Ribeiro, Pontes e Silva (2017), abranger tanto a comunidade acadêmica quanto os agentes sociais envolvidos, uma vez que ambos são integrantes essenciais e capazes de promover mudanças concretas no ambiente.

González Rey (2008), em perspectiva histórico-cultural inspirada em Vygotsky, define o sentido subjetivo como um processo simbólico-emocional que se organiza na experiência social do indivíduo. As emoções e as expressões simbólicas não apenas coexistem, mas estão entrelaçadas, em interações e reinterpretações que situam a experiência cotidiana vivida, como:

[...] configurações complexas subjetivas sobre o vívido, que representa produções subjetivas [...] experiência vívida é inseparável da configuração subjetiva de quem vive [...] e caracterizam as relações diferenciadas que ocorrem nos diferentes espaços de vida social do sujeito (González Rey, 2008, p. 234).

Com inspiração em González Rey (2008), reconhece-se a complexa rede de sentidos subjetivos e de expressão subjetiva que surge da interação entre o indivíduo e o contexto social universitário. Espaços habilitadores às experiências significativas operam singularmente, ao passo que os significados compartilhados e as interações sociais são organizados de maneira única, influenciando de forma distinta a subjetividade e a saúde mental.

Os estudos sobre o tema “saúde mental de universitários” atestam a influência dos vínculos (Meng; Zhang, 2023; Dogan, 2015). Assim, considerando a análise vygotskyana, o “sucesso acadêmico” pode ser entendido como desdobramento da qualidade das interações e dos vínculos estabelecidos no ambiente universitário, desde o ingresso na universidade (Alonso; Alonso; Fernández, 2020) até a metodologia pedagógica adotada (Mérida-López; Extremera; Quintana-Orts, 2023), promovendo uma percepção de suporte e integração, ativando motivos para que os alunos persigam seus objetivos. Dessa forma, os vínculos acadêmicos, acionados em espaços habilitadores, podem mobilizar significações relacionadas ao suporte social, resultando em experiências favoráveis ao desenvolvimento emocional e cognitivo.

Os processos interativos, em espaços que habilitam cooperação, acolhimento e reconhecimento das potencialidades, podem, por sua vez, contribuir para a percepção de autoeficácia ou, ainda, para a crença na própria capacidade de superar os desafios (Lacerda; Yunes; Valentini, 2022). De outra forma, isso significa empoderamento, com inclusão social, em atenção às diferenças e ao protagonismo dos alunos, haja vista que repensar a relação inclusão/exclusão “representa um resgate das dimensões individual e coletiva, não massificadas pela cultura vigente, mas reenquadradas na busca de representações sociais, de singularidades, de significados e significações, portanto, do caráter subjetivo das relações vivenciadas” (Gomes; Gonzalez Rey, 2007, p. 408).

Nesse caminho, o sentido subjetivo, proposto por González Rey (2008) como unidade simbólico-emocional que emerge na experiência social do indivíduo, oferece, portanto, uma abordagem à saúde mental universitária, ao passo que:

[...] os sentidos subjetivos representam as unidades psicológicas que caracterizam a forma em que foi subjetivada a experiência vivida, experiência não no que ela, objetivamente, significa para um observador externo, mas em toda sua carga emocional e simbólica para aquele que a vive (Gomes; Gonzalez Rey, 2007, p. 409).

Portanto, as vivências universitárias representativas de dinâmicas interativas, quando, em espaços habilitadores às emoções, têm potencializadas significações e sentidos atribuídos à trajetória acadêmica, simbolizando experiências voltadas à produção cotidiana de saúde. Reflete-se, assim, sobre como as instituições educacionais podem melhor configurar suas práticas para mobilizar relações interpessoais que levem em consideração a “subjetividade, compreendida como produção de sentidos, [que] vem alavancar o indivíduo e toda a sua história

a uma nova posição, agora com sentidos, significados e emotividade” (Gomes; Gonzalez Rey, 2007, p. 409).

Dessa forma, a análise crítica desse intercâmbio teórico e empírico reforça a premissa de que a construção de uma comunidade acadêmica inclusiva e empática é fundamental para o avanço da saúde mental universitária. Para tanto, Machado, Facci e Barroco (2011, p. 650) citam que, para Vygotsky, sentimentos e emoções são social e historicamente referenciados, sendo emoções e cognição interdependentes no processo psicológico, assumindo haver “a participação ativa da vida emocional na esfera cognitiva do pensamento e no movimento criador, que é a imaginação”.

Ante esse contexto, o reencontro com os estudos levantados na pesquisa sugere que o aspecto “institucional” deveria assumir protagonismo, desde a referência à responsabilidade social universitária até o compromisso social, conforme apresenta Martín-Baró (1997), como se observa nos estudos de Pereira-Neto, Faria e Almeida (2022), Albuquerque *et al.* (2019), Suehiro e Andrade (2018), Aragão, Alfinito e Luís (2018) e Campira, Bulaque e Almeida (2021).

Garcia e Pan (2023), Meng e Zhang (2023), Dogan (2015), Alonso, Alonso e Fernández (2020), Valdivia (2019) e Mérida-López, Extremera e Quintana-Orts (2023) apresentam contribuições ainda mais enfáticas, ao afirmarem que as instituições de ensino superior precisam repensar suas práticas, políticas e culturas quando discutem a problemática da saúde mental de universitários. A ênfase na construção de espaços que promovem a interação social significativa e o desenvolvimento emocional e cognitivo, considerando a complexa tapeçaria de subjetividades que os estudantes trazem para essas interações, é, portanto, essencial para criar um ambiente acadêmico que não apenas apoie o sucesso acadêmico, mas também o florescimento psicológico.

Nesse caminho, Vygotsky (1995) destacou a importância do ambiente social no desenvolvimento cognitivo e emocional, propondo que o aprendizado seja intrinsecamente um fenômeno social, assim como González Rey (2008) enfatizou o papel da subjetividade e dos sentidos subjetivos, construídos nas interações sociais e que influenciam profundamente a experiência individual e coletiva.

Ao promover um senso de comunidade e pertencimento, esses espaços são cruciais para a saúde mental, pois a sensação de isolamento pode ser um fator significativo de estresse e ansiedade entre os universitários. Segundo Baumeister e Leary (1995), a necessidade de pertencer é uma força motriz fundamental nas interações humanas, sendo relevante para o bem-

estar emocional. Promover o protagonismo dos estudantes nos espaços universitários significa valorizar suas vozes, perspectivas e contribuições. Isso não apenas fortalece o senso de autoeficácia, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas.

A esse respeito, a teoria da atividade sociocultural de Vygotsky (1989) sugere que o desenvolvimento humano é profundamente influenciado pela participação em atividades culturais e pela internalização das práticas sociais. Portanto, espaços que encorajam o protagonismo estudantil, permitindo que os estudantes se engajem ativamente em projetos, pesquisas e iniciativas comunitárias, são essenciais para uma saúde mental robusta.

Desse modo, a atuação dos gestores públicos no planejamento, na elaboração e na execução de políticas públicas que promovam o protagonismo estudantil por meio do movimento extensionista é de suma importância. Esse movimento visa formar, nos estudantes, um modelo profissional reflexivo, crítico e interativo (Arrais; Ferreira; Antunes, 2021). O protagonismo estudantil na extensão universitária promove, assim, uma postura ativa dos estudantes, permitindo que eles desempenhem um papel central no desenvolvimento do projeto, em vez de atuarem apenas como executores (Arrais; Ferreira; Antunes, 2021).

Este estudo enfatiza a importância da linguagem como mediadora nas relações sociais e na construção de significados, seguindo a visão de Vygotsky, que identifica a linguagem como um instrumento primordial na mediação cultural e cognitiva. No âmbito universitário, a priorização de espaços que elevam a linguagem e a comunicação permite uma rica troca de experiências, emoções e conhecimentos, potencializando, assim, a experiência educativa.

Além disso, a valorização das emoções, conforme defendido por González Rey, emerge como um aspecto crucial para o desenvolvimento e a aprendizagem pessoal, delineando-se nas dinâmicas das interações sociais. A criação de ambientes acadêmicos que promovam a colaboração, o diálogo e a participação ativa é determinante para uma abordagem integral da saúde mental universitária, que visa, além do sucesso acadêmico, fomentar o bem-estar e a autorrealização dos estudantes. Tal perspectiva desafia as instituições de ensino a reformular suas práticas e infraestruturas, visando desenvolver uma comunidade acadêmica que sustente tanto o rendimento acadêmico quanto o suporte emocional e social, propondo uma nova definição de saúde mental universitária: não apenas a ausência de transtornos, mas a criação de um ecossistema que estimule o crescimento integral e o desenvolvimento humano.

A universidade é um microcosmo social que compartilha dinâmicas de poder, hierarquias e normas culturais. Com isso, seus espaços podem obstaculizar experiências significativas quando as interações sociais não se apresentam acolhedoras às singularidades

subjetivas de estudantes que trazem à universidade trajetórias diversas, inclusive de exclusão social. Definir espaços que habilitem interações saudáveis, portanto, supõe (re)conhecer que os encontros intersubjetivos podem ser atravessados pela lógica competitiva, de dominação e, ainda, de subalternidade às diferenças, especialmente daqueles que estão à margem da sociedade.

Portanto, uma análise crítica desses espaços deve também contemplar as estruturas e as práticas institucionais que os organizam, incluindo políticas educacionais, currículos, métodos de ensino e avaliação e a própria cultura organizacional das instituições de ensino superior. Por isso, ao focar a subjetividade e as representações sociais no contexto universitário, faz-se necessária cautela para não reificar a experiência universitária, assumindo uma uniformidade que subjaz critérios excludentes à diversidade dos modos de ser e existir da comunidade universitária.

Considerações Finais

O movimento ensaísta é uma aproximação, uma reflexão. A discussão deste estudo envolve resgatar, de forma integrativa, concepções estudadas no campo da saúde mental universitária, oferecendo contribuição aos diálogos sobre extensão no contexto acadêmico, que emergem em pesquisas sobre espaços habilitadores às interações sociais. Contudo, ciente dos desafios dessa aproximação, o ensaio se apresenta também como um convite a maneiras alternativas de compreender o fenômeno, de modo a suscitar mudanças, haja vista que “não há saber verdadeiro que não seja essencialmente vinculado a um saber transformador sobre a realidade, mas não há saber transformador da realidade que não envolva uma mudança de relações entre os seres humanos” (Martín-Baró, 1997, p. 27)⁶.

Envolve, portanto, reconhecer a urgência de espaços habilitadores para encontros simbólicos, situando a relevância da linguagem e das emoções ante o caráter social da psique. Habilitadores, assim, à participação ativa da vida emocional, potencializando a cognição, o pensamento e a criação dos universitários, contribuindo com a promoção da saúde, em função de serem as experiências que mobilizam significados compartilhados e sentidos atribuídos às vivências.

⁶ Não se busca na referência à Martín-Baró circunscrever a saúde mental à psicologia. Reconhecendo-a na produção cotidiana de saúde e sua multidimensionalidade, assume-se a promoção de saúde pela dimensão social interdisciplinar e interprofissional, onde o saber-fazer-atuar da psicologia se organiza com outros conhecimentos, em agendas sistemáticas e intersetorializadas.

Ao passo que a construção psicossocial dessas vivências se dá no nível das interações, ou seja, em perspectiva intersubjetiva, os estudos no campo dos “vínculos” dão suporte ao principal aspecto a ser enfatizado no âmbito das vivências acadêmicas — as interações sociais simbólicas. Faz-se, com isso, essencial ampliar as práticas e a qualidade das atividades de extensão, visando à resignificação e à sistematização das ações realizadas (Ribeiro; Pontes; Silva, 2017).

Se as vivências favorecem a integração, a adaptação e a capacidade de resolução dos desafios diários, é possível que também favoreçam, afetivamente, significados para os espaços de acolhimento, interação, validação, reconhecimento e afirmação das diferenças, contribuindo com desdobramentos no campo da autoconfiança no estabelecimento de vínculos e na resolução de desafios, favorecendo apreciações de satisfação relacionadas à trajetória acadêmica.

A qualidade das interações, portanto, representa aspecto central à saúde mental dos universitários, em contexto de oferta institucional de espaços habilitadores à inclusão e à cooperação, com a oferta de oportunidades às vivências e experiências acadêmicas que favorecem, por meio da extensão universitária, a integração, a adaptação e a resolução de desafios diários, os quais podem conduzir a percepções sobre a trajetória formativa não geradoras de sofrimento.

A responsabilidade social universitária, portanto, deve ser entendida como um compromisso com a transformação social, que desafia normas excludentes e promove a justiça social e a equidade. Assim, enfrentar os desafios associados à saúde mental dos estudantes universitários não é apenas uma questão de política educacional, mas um imperativo social e moral que reflete o compromisso das instituições de ensino superior com o futuro da sociedade.

Essas experiências, favorecidas pelos contextos de aprendizagem, potencializam a autoeficácia e a saúde mental, sublinhando a importância de considerar os significados compartilhados (conteúdo curricular) e os sentidos pessoais atribuídos por cada estudante às suas experiências acadêmicas. Percebe-se, assim, que a construção de sentidos e significados no contexto universitário é um processo complexo e multifacetado, que requer uma abordagem integrativa e sensível às dinâmicas sociais, culturais e institucionais. Nesse contexto, a promoção da saúde mental passa pela valorização das experiências vividas pelos estudantes, pelo fortalecimento dos vínculos comunitários e pela criação de um ambiente extensionista acadêmico que seja, ao mesmo tempo, desafiador e de suporte, capaz de nutrir o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Ao assumir a proposição no horizonte do compromisso social da psicologia, por exemplo, espera-se, com o ensaio, atuar na problemática de referência (saúde mental de universitários), mas, principalmente, na defesa da promoção da saúde mental, como responsabilidade social universitária extensionista em agendas programáticas, formativas e organizacionais. Dessa maneira, busca-se proporcionar aos estudantes do ensino superior um ambiente saudável, acolhedor e satisfatório, com reconhecimento das trajetórias identitárias singulares e das variadas formas de ser, agir, pensar e interagir socialmente.

A discussão proposta neste ensaio teórico, ancorada nas contribuições de Vygotsky e González Rey, apresenta uma série de reflexões promissoras. No entanto, como qualquer investigação teórica, enfrenta limitações inerentes que delineiam caminhos para futuras pesquisas, como, por exemplo, a complexidade da subjetividade e a não consideração de releituras de outras obras de Vygotsky e González Rey.

Para estudos futuros, compreender dinâmicas relacionadas aos “espaços habilitadores” para universitários pode suscitar desdobramentos favoráveis às proposições institucionais e às agendas programáticas e formativas voltadas à promoção da saúde no contexto universitário. Ademais, desenvolver metodologias e analisar intervenções extensionistas que visem à promoção de espaços habilitadores para a saúde mental de universitários também pode proporcionar contribuições relevantes ao tema.

Ao definir espaços habilitadores às interações qualitativas, depreende-se, portanto, como reflexão final, que a validação das formas de ser e agir, em um cenário inclusivo, pode contribuir para a autopercepção das próprias capacidades de enfrentar os desafios cotidianos, o que se torna mais complexo em função da dimensão tecnológica que se apresenta aos espaços de interação. Pesquisas futuras podem ampliar o debate sobre os problemas das relações virtualizadas, em seus significados variados para os “espaços habilitadores”, como problematização da saúde mental de universitários. Por fim, reconhecer que a diversidade de vivências acadêmicas e o reconhecimento das múltiplas trajetórias identitárias são atravessados por classificações sociais, como gênero e raça, amplia a compreensão sobre como os espaços habilitadores podem ser experimentados e significados, suscitando, também, investigações futuras.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003. 176 p.
- ALBUQUERQUE, L. G. M. *et al.* Satisfação com a experiência acadêmica entre estudantes de medicina. **Revista de Educação em Saúde**, v. 7, n. 2, p. 101–110, 2019. DOI: 10.29237/2358-9868.2019v7i2.p99-108.
- ALMEIDA, L. S.; FERREIRA, J. A. G.; SOARES, A. P. **Questionário de Vivências Acadêmicas**: construção e validação de uma versão reduzida (QVA-r). 1999.
- ALMEIDA, L. S.; FERREIRA, J. A. G.; SOARES, A. P. **Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA e QVA-r)**. 2003.
- ALMEIDA, L. S.; FERREIRA, J. A. **Questionário de Vivência Acadêmica**. Braga: Universidade do Minho, 1997.
- ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P.; FERREIRA, J. A. Questionário de vivências acadêmicas (QVA e QVA-R). In: GONÇALVES, M. M. *et al.* (org.). **Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa**. Coimbra: Quarteto Editora, 2003. p. 113–130.
- ALONSO, J. A. V.; ALONSO, M. J. B.; FERNÁNDEZ, R. L. El éxito académico en el primer año de la carrera de ingeniería industrial y su vínculo con factores académicos previos. **Páginas de Educación**, v. 13, n. 1, p. 42–57, 2020.
- ALVES, J. D.; HONÓRIO, L. C. Vínculos entre alunos e uma instituição de ensino superior: desenvolvimento e proposição de uma escala de medida. **GESTÃO.Org**, v. 11, n. 2, p. 391–427, 2013. DOI: 10.51359/1679-1827.2013.21733.
- ANDIFES. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES**. Brasília, 2019.
- ARAGÃO, B. S.; ALFINITO, S.; LUÍS, C. J. Satisfação com a experiência acadêmica de estudantes do ensino superior. **Consumer Behavior Review**, v. 2, n. 2, p. 96–107, 2018. DOI: 10.21714/2526-78842018v2n2p96-107.
- ARAKAWA-BELAUNDE, A. *et al.* Vivências acadêmicas e ações de promoção da saúde em uma instituição de longa permanência para idosos: relato de experiência fonoaudiológica. **Distúrbios da Comunicação**, v. 30, n. 2, p. 385–391, 2018. DOI: 10.23925/2176-2724.2018v30i2p-385-391.
- ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre fatores acadêmicos e saúde mental de estudantes universitários. **Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n. 3, p. 44–52, 2018. DOI: 10.24879/2018001200300544.
- ARRAIS, E. L.; FERREIRA, J. M.; ANTUNES, J. O. O protagonismo estudantil na extensão universitária: a experiência do Núcleo de Atualização Pública na Universidade Federal do Cariri. **Revista Conexão UEPG**, v. 17, n. 1, p. 1–12, 2021. DOI: 10.5212/Rev.Conexao.v.17.16859.009.

AWANG, Z. L.; NOOR, M. F. M. Factors influencing dropout students in higher education. **Education Research International**, 2023.

BANDURA, A. The primacy of self-regulation in health promotion. **Applied Psychology: An International Review**, v. 54, n. 2, p. 245–254, 2005. DOI: 10.1111/j.1464-0597.2005.00208.x.

BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. **Psychological Bulletin**, v. 117, n. 3, p. 497–529, 1995. DOI: 10.1037/0033-2909.117.3.497.

BOTTON, A. M. Notas sobre o ensaio em Theodor W. Adorno. **Graphos**, João Pessoa, v. 13, n. 1, 2011.

BRITO, F. A. M. de *et al.* Violência autoprovocada em adolescentes no Brasil, segundo os meios utilizados. **Cogitare Enfermagem**, 2021.

CAMPESINO, A. R. Una isla con mar: vínculos académico-culturales entre Paraguay y España en el siglo XXI. **El Nacional**, 29 oct. 2023. Disponível em: <https://elnacional.com.py/cultura/una-isla-con-mar-vinculos-academico-culturales-paraguay-espana-siglo-xxi-n56455>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CAMPIRA, F. P.; BULAQUE, P. Z.; ALMEIDA, L. S. Satisfação com experiências acadêmicas: variáveis preditoras em estudantes universitários de Moçambique. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 3, p. 1979–1994, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16i3.15421.

CECHINEL, E.; SANTOS, A. R. Experiências memoráveis na vivência acadêmica em cursos de administração: um estudo à luz das experiências em serviços. **Revista Gestão Universitária na América Latina**, v. 13, n. 1, p. 137–158, 2020. DOI: 10.5007/1983-4535.2020v13n1p137.

CHARIYEVA, Z. *et al.* The role of self-efficacy and motivation to explain the effect of motivational interviewing time on changes in risky sexual behavior among people living with HIV: a mediation analysis. **AIDS and Behavior**, v. 17, p. 813–823, 2013. DOI: 10.1007/s10461-011-0115-8.

CHEN, S.-H.; NASONGKHLA, J.; DONALDSON, J. A. University social responsibility (USR): identifying an ethical foundation within higher education institutions. **The Turkish Online Journal of Educational Technology**, v. 14, n. 4, p. 165, 2015.

COULON, A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, v. 43, p. 1239–1250, 2017. DOI: 10.1590/s1517-9702201710167954.

CRUZ-CAMPOS, J. C. D.; VICTORIA-MALDONADO, J. J.; MARTÍNEZ-DOMINGO, J.; CAMPOS-SOTO, M. N. Causes of academic dropout in higher education in Andalusia and proposals for its prevention at university: A systematic review. **Frontiers in Education**, v. 8, p. 01-13. 2023. DOI: 10.3389/feduc.2023.1130952.

DE OLIVEIRA, E. S.; SILVÉRIO, C. E.; FLORES, R. P.; FELDKIRCHER, J. M.; NUNES, M. M.; OKUBO, R. Programa de extensão “Fisioterapia esportiva”: Uma vivência

extensionista. **Revista Conexão UEPG**, v. 15, n. 3, p. 269-273, 2019. DOI: 10.5212/Rev.Conexao.v.15.i3.0006.

DOGAN, U. Envolvimento dos alunos, autoeficácia acadêmica e motivação acadêmica como preditores de desempenho acadêmico. **O Antropólogo**, v. 20, n. 3, p. 553-561, 2015.

DOLLINGER, M.; VANDERLELIE, J. Developing and enacting student governance and leadership training in higher education. A Practice Report. **Student Success**, v. 10, n. 2. p. 59-64, 2019. DOI: 10.5204/ssj.v10i2.1309.

FADEL, C. B.; SOUZA, J. A. D.; BORDIN, D.; GARBIN, C. A. S.; GARBIN, A. J. Í.; SALIBA, N. A. Satisfaction with the academic experience among graduate students of a brazilian public university. **RGO-Revista Gaúcha de Odontologia**, v. 66, p. 50-59, 2018.

FLEISNER, P.; LUCERO, G.; GALAZZI, L.; BILLI, N. La teoría de Haraway del conocimiento situado y su vínculo con la ontología relacional de Barad y el análisis de prácticas académicas en Stengers y Despret. **Nuevo Itinerario**, v. 19, n. 1, p. 76–91, 2023. DOI: 10.30972/nvt.1916712.

GARCIA, W. P.; PAN, M. A. G. D. S. Vivência Acadêmica, Formação Universitária, Desenvolvimento Humano: Contribuições De Vigotski Ao Ensino Superior. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, 2023. DOI: 10.1590/2175-35392023-248475.

GOMES, C.; REY, F. L. G. Inclusão escolar: representações compartilhadas de profissionais da educação acerca da inclusão escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 3, p. 406–417. DOI: 10.1590/S1414-98932007000300004.

GONZÁLEZ REY, F. L. El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotski. **Educación & Sociedad**, v. 21, 132-148, 2000.

GONZÁLEZ REY, F. Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. **Diversitas: Perspectivas en psicología**, v. 4, n. 2, p. 225-243, 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-99982008000200002. Acesso em: 15 jan. 2025.

GRANADO, J. I. F.; SANTOS, A. A. A.; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P.; GUISANDE, M. A. Integração acadêmica de estudantes universitários: contributos para a adaptação e validação do QVA-r no Brasil. **Psicologia e Educação**, v. 4, n. 2, 2005.

GUANIN-FAJARDO, J. H.; CASILLAS BARRANQUERO, J. Contexto universitário, profesores y estudiantes: vínculos y éxito académico. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 88, n. 1, p. 127–146, 2022. DOI: 10.35362/rie8814733.

GUERONI, L.P.G.; POMPEO, D.A.; EID, L.P.; FERREIRA, JR. M.A.; SEQUEIRA, C.A.C.; LOURENÇÃO, L.G. Interventions for Strengthening General Self-Efficacy Beliefs in College Students: An Integrative Review. **Rev Bras Enferm.**, v. 77, n. 1. 2024. DOI: 10.1590/0034-7167-2023-0192.

GUZMÁN-UTRERAS, E.; BAEZA-UGARTE, C. G.; MORALES-NAVARRO, M. Vivencias académicas y salud mental en tres cohortes universitarias bajo emergencia covid-

19. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 21, n. 2, p. 50–71, 2023.

HAUGSBAKK, G. Edição especial: 30 anos de TIC e aprendizagem na educação – grandes mudanças e desafios. **Seminar.net**, v. 16, n. 2, 2020.

KRAMER, G. G. **Vínculos organizacionais**: um estudo de caso em uma organização pública. 2003. 143 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

KRAMER, G. G.; FARIA, J. H. Vínculos organizacionais. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 1, p. 83–104, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6881>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LACERDA, I. P.; YUNES, M. A. M.; VALENTINI, F. Permanência no ensino superior e a rede de apoio de estudantes residentes em moradia estudantil. **Internacional de Educação Superior**, Campinas, p. 1–18, 2022. DOI: 10.20396/riesup.v8i0.8663399.

LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27–44, 2004.

LIMA, V.; MEIRA COSTA, A.; IENACO DE VASCONCELOS, M.; LOURENÇO, L. Saúde mental no ensino superior: revisão de literatura. **Interação em Psicologia**, v. 26, n. 3, 2023. DOI: 10.5380/riep.v26i3.76204.

LOK, Bee-Lan; CHENG, M. Y.; CHOONG, Chee-Keong. A relação entre o treinamento de habilidades soft e o desenvolvimento de recursos humanos e o desempenho organizacional. **International Journal of Business and Society**, Malásia, 2020.

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia Em Estudo**, v. 16, n. 4, p. 647–657, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/cvL9hMXKctvZpzF3nLFdyYw/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2025.

MALEQUETA, A. F.; SANTOS, L. S.; PERY, M. R. M. Análise da satisfação acadêmica de estudantes do curso de Educação Física e Desporto do ensino a distância da UCM. **Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 73–92, 2017.

MARTÍN-BARÓ, I. O papel do Psicólogo. **Estudos de Psicologia (natal)**, v. 2, n. 1, p. 7–27, 1997. DOI: 10.1590/S1413-294X1997000100002.

MEDEIROS, L. A.; GONÇALVES, P. da R. Jovens Universitários de Camadas Populares e suas Trajetórias Empreendedoras a partir da Vivência Acadêmica. **Arquivos do CMD**, v. 6, n. 2, p. 66-78, 2018. DOI: 10.26512/cmd.v6i2.22409.

MENG, Q.; ZHANG, Q. The influence of academic self-efficacy on university students' academic performance: the mediating effect of academic engagement. **Sustainability**, v. 15, p. 5767, 2023. DOI: 10.3390/su15075767.

MÉRIDA-LÓPEZ, S.; EXTREMERA, N.; QUINTANA-ORTS, C. Exigencias académicas en estudios de posgrado a distancia y sus vínculos con el agotamiento y la regulación de las

emoções próprias. **Revista Internacional de Pedagogia e Innovación Educativa**, v. 3, n. 1, p. 139–154, 2023.

MOREIRA, M. C. N. Trajectories and moral experiences of rare and chronic illness in biographies: a theoretical essay. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 10, p. 3651–3661, 2019. DOI: 10.1590/1413-812320182410.33532018.

NASCIMENTO, A. C. P. L.; FERRAZ, R. de C. S. N. Transtorno de personalidade borderline: narrativa de uma vivência acadêmica no ensino superior. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade (REED)**, v. 2, n. 5, p. 1–15, 2021. DOI: 10.22481/reed.v2i5.9568.

NASCIMENTO, A. C. P. L.; FERRAZ, R. de C. S. N. Transtorno de personalidade borderline: narrativa de uma vivência acadêmica no ensino superior. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade (REED)**, v. 2, n. 5, p. 1–15, 2021. DOI: 10.22481/reed.v2i5.9568.

NGUYEN, N.; LEBLANC, G. Corporate image and corporate reputation in customers' retention decisions in services. **Journal of Retailing and Consumer Services**, v. 8, p. 227–236, 2001. DOI: 10.1016/S0969-6989(00)00029-1.

NHANTUMBO, D. J.; CARREÑO, Á. B.; BRUCE-NHANTUMBO, B. S. Satisfação com a educação recebida e rendimento acadêmico em estudantes do ensino superior da cidade da Beira, Moçambique. **Revista Científica Electrónica de Educación y Comunicación en la Sociedad del Conocimiento**, v. 18, n. 2, p. 316-334, 2018. DOI: 10.30827/eticanet.v2i18.11894.

NINA, S. de F. M.; CRUZ DE OLIVEIRA, R. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico em estudantes de medicina. **Trabalho (En)Cena**, v. 4, n. 2, p. 451–464, 2019. DOI: 10.20873/2526-1487V4N2P451.

OLIVEIRA, E. S.; SILVÉRIO, C. E.; FLORES, R. P.; FELDKIRCHER, J. M.; NUNES, M. M.; OKUBO, R. Programa de extensão “Fisioterapia esportiva”: Uma vivência extensionista. **Revista Conexão UEPG**, v. 15, n. 3, p. 269-273, 2019.

OLIVEIRA, V. P.; MACIEL, L. F. P.; IAOCHITE, R. T.; SALLES, W. Das N.; NASCIMENTO, J. V.; FOLLE, A. Autoeficácia no ensino superior e satisfação com as experiências acadêmicas: percepções de estudantes de Educação Física. **Movimento**, v. 26, e26087, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Informe mundial sobre salud mental**. Genebra, 2022.

PEREIRA, B. C. S.; GIL, C. Avaliando a satisfação dos alunos de escolas de administração: uma nova perspectiva de gestão. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 5, n. 1, 2007.

PEREIRA-NETO, L. L.; FARIA, A. A. G. B. T.; ALMEIDA, L. S. Adaptação e evidências de validação do Questionário de Satisfação com a Experiência Acadêmica Remota (QSEAR). **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 2626–2647, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17i4.16756.

PERIS BLAT, I. Una lectura de los vínculos interesados. **Revista rita**, v. 11, p. 118-125. 2019.

QUEIROZ, T. P.; PAULA, C. P. A. A força do imaginário: apego, vínculo e identidade acadêmica como potencializadores da relação com egressos. **Prisma.com**, v. 34, p. 84–104, 2017.

RIBEIRO, M. R. F.; PONTES, V. M. A.; SILVA, E. A. A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica: desafios e perspectivas. **Revista Conexão UEPG**, v. 13, n. 1, p. 52–65, 2017. DOI: 10.5212/Rev.Conexao.v.13.i1.0004.

RODRIGUES, C. S.; DO NASCIMENTO COSTA, P. H.; DA CUNHA GOMES, J. A.; ALBUQUERQUE, F. B. V.; PENHA, A. J. B. S.; DE ARAÚJO, W. F.; DA SILVA, M. A. M. Prática de enfermagem em saúde coletiva: Vivência acadêmica na atenção primária à saúde. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 14, n. 3, p. 213-222, 2023.

ROQUE, Y. V.; DE LEÓN, R. S. G. P.; SUÁREZ, A. L.; DUANY, Z. S.; MONTERO, H. C. La formación académica en salud reflejada en los egresados de la ELAM y su vínculo con la teoría Educación Avanzada. **Panorama Cuba y Salud**, v. 13, n. S1, p. 318–321, 2018.

ROSO, A.; ROMANINI, M. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico. **Psicologia e Saber Social**, v. 3, n. 1, p. 83–95, 2014.

SANTOS, A. A. A.; ZANON, C.; ILHA, V. D. Autoeficácia na formação superior: seu papel preditivo na satisfação com a experiência acadêmica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 36, 2019. DOI: 10.1590/1982-0275201936e160077.

SANTOS, L. C.; SEVERO, L. R.; CORREIA, L. A. Desafios ao Engajamento Acadêmico no Ensino Superior: Uma Análise a Partir da Avaliação Discente. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8666403>. Acesso em: 15 jan. 205.

SANTOS, L. E. D.; SCHNEIDER, F. V. M.; FREITAG, V. L.; COLOMÉ, I. C. S. Vivências acadêmicas em programa de educação na rede de atenção a pessoas com deficiência. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 2, 2018. DOI: 10.5020/18061230.2018.6865.

SANTOS, M. A. C.; ROMEIRO, V. A satisfação com a experiência acadêmica influencia a relação de confiança comportamental com a instituição?. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, Passo Fundo, v. 3, n. 1. p. 78-97, 2017. DOI: 10.18256/2447-3944/rebes.v7n1p78-97.

SCHLEICH, A.; POLYDORO, S.; SANTOS, A. Escala de satisfação com a experiência acadêmica de estudantes do ensino superior. **Avaliação Psicológica**, v. 5, n. 1, p. 11-20, 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712006000100003. Acesso em: 15 jan. 205.

SILVA, G.; NETO, I.; ROCHA, A.; MONTEIRO, L.; RAUBER, S. Relação entre autoestima e saúde mental de estudantes universitários: estudo transversal. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 24, n. 1, p. 104–114, 2023. DOI: 10.15309/23psd240109.

SIQUEIRA, L. P.; PEREIRA, H. A. de L.; NASCIMENTO-JUNIOR, J. R. A. do; MACHADO, A. S.; MORAES, J. F. V. N. Perfil e nível de satisfação com as vivências

acadêmicas de graduandos do curso de Educação Física da UNIVASF. **Debates Em Educação**, v. 12, n. 28, p. 455–473, 2020. DOI: 10.28998/2175-6600.2020v12n28p455-473.

SÍVERES, L. Extensão Universitária: Processo de aprendizagem e procedimento de desenvolvimento sustentável. **CATAVENTOS-Revista de Extensão da Universidade de Cruz Alta**, v. 4, 2012.

SOARES, A. B.; LEME, V. B. R.; GOMES, G.; PENHA, A. P.; MAIA, F. A.; LIMA, C. A.; ARAÚJO, A. M. Expectativas acadêmicas de estudantes en los primeros años de enseñanza superior. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 1, p. 206-223, 2018.

SOARES, A. P.; VASCONCELOS, R.; ALMEIDA, L. S. **Adaptação e satisfação na Universidade**: Apresentação e validação do Questionário de Satisfação Acadêmica (QSA). 2002.

SUEHIRO, A. C. B.; ANDRADE, K. S. Satisfação com a experiência acadêmica: um estudo com universitários do primeiro ano. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 77-86, 2018. DOI: 10.24879/2018001200200147.

TASCHETTO, L. R.; ROSA, G. C. Mobilidade acadêmica internacional: caminhos para vínculos transculturais. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 21, n. 47, 2019.

TONTINI, G.; WALTER, S. A. Antecedentes da qualidade percebida de um curso de administração: uma abordagem não linear. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 13, n. 40, 2011. DOI: 10.7819/rbgn.v13i40.846.

TORRACO, R. J. Writing integrative reviews of the literature: Methods and purposes. **International Journal of Adult Vocational Education and Technology (IJAVET)**, v. 7, n. 3, p. 62-70, 2016. DOI: 10.4018/IJAVET.2016070106.

TREJO, R. G.; CHACÓN, G. M.; SUÁREZ, G.; ROJAS, M. F. Vínculos y diferencias entre la escritura académica y la escritura profesional en una carrera técnica universitaria. **Cuaderno de Pedagogía Universitaria**, v. 16, n. 32, p. 35–47, 2019. DOI: 10.29197/cpu.v16i32.344.

VALDIVIA, A. C. Vínculos en la universidad chilena: voces de docentes y académicos. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 14, n. 29, p. 136-155. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ZEEVALLOS, A. L.; WASHBURN, M. Criando uma Cultura de Sucesso do Aluno: O Programa de Mentoria de Pares SEEK Scholars. **Em prática**, Nova York: Wiley Online Library, 2014. DOI: 10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210117.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Não necessário.
 - Financiamento:** CNPq.
 - Conflitos de interesse:** Não.
 - Aprovação ética:** Não se fez necessário.
 - Disponibilidade de dados e material:** As informações podem ser disponibilizadas, se necessário.
 - Contribuições dos autores:** Fabiana Pinto de Almeida Bizarria: Idealização, liderança e desenvolvimento principal do manuscrito; Leonardo Victor de Sá Pinheiro: Contribuição no desenvolvimento do referencial teórico, análise e discussão dos dados; Ana Cristine Mendes da Silva: Análise e discussão dos dados; Flávia Lorene Sampaio Barbosa: Revisão geral do manuscrito e contribuições nas análises e discussões, bem como nas considerações finais.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

